OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1038

30 DE OUTUBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Chronica Occidental

Nem sempre é facil fazer o indice d'uma chronica em que possam caber os assumptos todos que, durante dez dias, se foram por esse mundo fóra desenrolando. E' difficil, ás vezes, escolher qual o primeiro na importancia, pois nem sempre o caso que d'elle fez o publico está de accordo com a sympathia que lhe dedica o nosso coração. Se eu pudesse, encheria todas estas linhas com a noticia das festas escolares que se effectuaram agora por todo o paiz, mas seria falta indesculpavel deixar de mencionar e de commentar os artigos que no *Diario Popular* foram publicados, escriptos ou inspirados pelo sr. Julio de Vilhena.

Muita vez aqui temos falado dos contrastes, aproveitaveis ou, pelo contrario, de evitar quanto possivel, que a resenha dos assumptos nos apresenta. Mas se a vida é assim, que lhe havemos nós de fazer? Se constantes nos apparecem?

O tempo é a succesão dos factos e se os factos nem sempre teem logica na sua succesão, que trabalho absurdo seria o querer dar-lh'a por força!

Chronologicamente apontei os assumptos d'estes ultimos dias e juntinhos me ficaram na lista o baile na cidadella de Cascaes e as exequias por alma de El-Rei D. Luiz na Sé de Lisboa.

A festa era para solemnisar o feliz regresso do Principe, depois da sua viagem. Eram bellas e profusas as ornamentações e illuminação das salas, onde se dançou, até de madrugada. Estavam o presidente do conselho, alguns ministros, corpo diplomatico, casas civil e militar de El-rei, auctoridades do concelho e apenas mais as familias que se acham veraneando em Cascaes, Estoril e Cintra.

Passemos ás exequias, que não passaram sem reparo da opposição. Não se fazem já por D. Maria II, nem por D. Pedro V. As orações por D. Pedro IV, são motivadas pela gratidão do paiz ao doador da carta. Em tempos de dictadura, não deixou a opposição de ter suas razões para commentar o facto.

NA SÉ — CHEGADA DE SUAS MAGESTADES EL-REI D. CARLOS E RAINHA SENHORA D. AMELIA

O ministerio não faltou. Resar pelos defunctos é a setima obra espiritual de misericordia.

Alguns dias depois, no mesmo templo, se realisaram exequias solemnes, suffragando a alma do Sr. D. Luiz, ha dezoito annos fallecido na cidadella de Cascaes. O templo estava ricamente ornamentado, erguendo-se ao centro um catafalco forrado de preto e oiro e sobre uma urna a corôa e o sceptro cobertos de crepes.

Assistiram SS. Magestades e Altezas, corpo diplomatico, damas da côrte e grande numero de funccionarios civis e militares.

Forneceu-nos a côrte um contraste, mas n'este só não ficaremos, que o temos, talvez muito maior para apresentar ainda: os ares turvissimos da politica, talvez cada vez mais turvos, e aquella muito alegre manhã em que alguns milhares de creanças, por todo esse paiz, com o seu enthusiasmo deram o melhor da linda festa das escolas.

Copiando um pouco dos artigos do *Diario Popular*, haveremos informado os leitores do que ha de mais notavel na historia politica d'estes dias:

«O bloco liberal continúa unido sem uma unica defecção. O sr. José Luciano de Castro a quem pertence, pela sua edade, pelos seus serviços ao paiz, pela sua antiguidade como presidente do conselho, como conselheiro de Estado, como

SUA MAGESTADE EL-REI D. CARLOS BEIJANDO A MÃO A SUA AUGUSTA MÃE A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA

AS DAMAS DE HONOR AGUARDANDO A CHEGADA DE SUAS MAGESTADES, NO ATRIO DA SÉ

NAS EXEQUIAS POR ALMA DE EL-REI D. LUIS — VID. CHRONICA OCCIDENTAL

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

ministro, como deputado, como chefe de partido, a direcção geral do bloco, n'essa situação continúa, conservando se, é claro, a integra e completa independencia dos grupos politicos. Estamos e continuaremos a estar inteiramente unidos no pensamento commum de restabelecer o regimen da constituição. Conseguido o intuito de todos, cada um retomará a situação que lhe fôr determinada pelos interesses e pela autonomia de cada grupo.

E' a primeira vez, nos parece, que n'esta chronica citamos o bloco liberal, que tanto tem dado que falar n'estes ultimos tempos. Os outros jornaes da opposição continuam publicando artigos, d'onde se deprehende que vae ser muito accesa a lucta.

Copiamos ainda mais do *Popular:*

«O bloco liberal não promove nem deseja revoluções. Quer a manifestação pacifica, e por isso mesmo grandiosa perante o estrangeiro. O dia 2 de janeiro será dia de gala, porque a affirmação de força, de vida, de virilidade para um povo é sempre dia de festa perante a civilisação.

Não nos dá o parlamento? Pois teremos parlamento?

Manda-nos dissolver pela força das armas? Como estamos em pleno absolutismo, funccionaremos nos nossos centros, em secções separadas, como os antigos estados do reino, salva, já se vê, a distincção das classes.»

Nunca, n'estes ultimos annos, homem de estado tomou conta da chefia d'um partido em circumstancias tão criticas, o que não quer dizer desfavoraveis, como agora o sr. Julio de Vilhena, que tamanha força veio dar á colligação da opposição.

Os tempos correm turvos, dissemos, mas não quer isto dizer que só más ou indifferentes noticias tenhamos a archivar n'estes ultimos dias. Muito pelo contrario, poderiamos, mais uma vez, pedir ao enthusiasmo que nos fornecesse frazes quentes de patriotismo com que celebrassemos mais uma victoria das armas portuguezas em Africa, ha dois dias contra os Cuamatas, agora contra os Dembos finalmente vencidos pelo valor das nossas tropas.

Ficou ferido o commandante da columna, capitão do estado maior de infanteria, sr. João d'Almeida, cujo nome ficará vinculado á historia brilhante dos portuguezes em Africa n'estes ultimos annos.

O paiz, infelizmente, — será dos tempos que vão correndo bastante desanimadores — parece não se mostrar disposto a enthusiasmar-se, como ainda ha poucos annos, pelo successo das nossas armas. Entrará n'isso decerto a falta de instrucção e o desconhecimento do valor que esses feitos, os quaes Deus o queira, se hão de ir tornando mais raros por serem menos precisos, representam para o futuro de Portugal colonial.

A instrucção, por emquanto atrazadissima n'este nosso paiz, vai, ainda que devagarinho, desenvolvendo se e um dos pontos debatidos agora é a de necessaria illustração dos que de Portugal emigram quer para o Brazil quer para as nossas possessões africanas.

A festa das creanças, ha poucos dias realisada, demonstrou que todo o paiz se interessa ardentemente pelos progressos da instrucção. Não foi simplesmente em Lisboa que a distribuição dos premios se effectuou com solemnidade e alegria, não foi sómente nas cidades ou villas principaes; em pequenissimas aldeias os pequeninos tiveram premios e merendas, houve musicas e embandeiramentos.

Mais de quatro mil creanças se reuniram em Lisboa, na grande sala do Risco no Arsenal. Presidiu o Principe sr. D Luiz Filippe e orou o sr. João Franco, proclamando a necessidade de desenvolver a instrucção publica.

Mas a parte mais bella da festa foi a alegria de toda aquella criançada, a mais commovedora foi o hymno escolar, primorosamente entoado e delirantemente applaudido.

Não podemos deixar de nos referirmos tambem n'este logar á festa da distribuição de premios no Real Conservatorio de Lisboa, cujo programma foi pelos futuros artistas, como já por artistas desempenhado. Falou o sr. Agostinho de Campos, director de instrucção publica, da necessidade de arte na instrucção. Ainda bem que assim pensa. E' ella que tem por fim amaciar arestas que uma arida pedagogia lhe criava, é ella que saberá ir formando os corações.

O Inspector, sr. Eduardo Schwalback referiu se em um discurso, ao golpe cruel ha pouco soffrido pela arte portugueza com a morte de Alfredo Keil, dos nossos primeiros artistas musicos, pintor e poeta.

O seu cadaver, um dia d'estes chegado de Hamburgo, foi por um grupo de amigos transportado para a egreja de S. José, e d'ahi, no dia seguinte para o cemiterio dos Prazeres, sendo grande o acompanhamento, que lhe fizeram amigos e admiradores. O sexteto dirigido pelo sr. Moraes Palmeiro, na egreja, e á porta do cemiterio a banda da guarda municipal, tocaram trechos do saudoso artista, que tão cedo a nossa desventura nos levou.

E não póde infelizmente ficar por aqui a nossa necrologia. Devido ao naufragio do paquete allemão *Borussia*, ha que lamentar a morte de trez homens que no Tejo, em tarde muito serena, em poucos minutos com o navio se afundaram. Um estoque d'agua inesperado, fez com que esta entrasse pela escotilha por onde se estava fazendo a carga de carvão. O navio inclinou se e não houve meio de se lhe acudir. Vinha a bordo um brazileiro illustre, sr. dr. Alberto de Seixas Martins Torres, ministro do supremo tribunal de justiça, que, em carta publicada nos jornaes de Lisboa, elogia o procedimento do commandante e de toda a tripulação do paquete na hora tremenda da catastrophe.

O Tejo tão bello e tão encantador tem ás vezes d'estas furias rapidas. Quantos se fiavam nas suas ondas e n'ellas encontraram a morte! Nunca entretanto houve rio mais cantado pelos poetas! Houve até um francez que, ha tempos, mal entrou a barra, lhe fez um soneto, em que, por um estapafurdio systema de pronuncia, Rubens rimava com Camões. E o que mais é, publicou o soneto!

João da Camara.

A FESTA DAS ESCOLAS

Um anno volvido sobre a primeira festa das escolas, em Portugal, e eis a segunda, que se realisou no dia 20 do corrente, na sala do Risco do Arsenal da Marinha, sala espaçosa, mas que nem por isso deixa de ter quatro paredes a limitar o espaço em que se deviam reunir alguns milhares de creanças buliçosas, irrequietas, como avesinhas amando a livre amplidão onde largam o vôo e soltam sua chilreada alegre saudando a liberdade para que o bom Deus as creou.

Assim se deviam encontrar as creanças tambem, ao ar livre, em larguesa, nesta terra abençoada em que os campos são tão lindos, tão iluminados da grande luz do sol, tão coloridos, tão matisados ora de purpuras papoulas, ora de dourados malmequeres, como constelações de estrelas pairando por sobre os trigaes ondulantes ao sôpro da brisa que os afaga, e por onde as avesitas esvoaçam em bandos, cantando seus alegres trinados como hymnos ao Creador.

Assim se deviam encontrar as creanças que tambem são avesitas, amantes da liberdade, do bulicio, da vida, na sua expressão mais amoravel, inocente e boa, onde a malicia ainda não entrou com o seu cortejo de convenções e egoismos que a envenenam.

Sim caros infantes, ao ar livre deve ser a vossa festa, vós que passaes os vossos melhores dias a dentro das escolas, e quantas sem a luz e o ar necessarios, e quantas sem as comodidades que vos tornem a escola atraente e amada.

Um anno é volvido sobre a primeira festa das escolas, primeiro passo dado para a regeneração da escola primaria» — aqui o escrevemos o anno passado — mas se a festa é de todo o ponto util e simpatica, animando os estudantes, professores e chefes de familia, é comtudo certo que ella por si só não basta para chegar a resultados praticos, para resolver esse grande problema da instrução primaria que, pelo menos, ha meio seculo, anda para se vencer entre nós, e de que mais pela fórma do que por firme e sincero proposito se tem cuidado.

Ha um anno se iniciou como que uma nova era de regeneração para a escola primaria, a escola por excelencia, a base, o centro donde irradia toda a instrução superior, como é tambem a raiz da educação moral, mas se dermos o balanço do que nesse anno se produsiu de positivo para o desenvolvimento e progresso dessa escola, encontrar nos-hemos pouco mais ou menos no mesmo estado, isto é, com as mesmas escolas mais pela fórma do que por sua utilidade real.

Sentem-se as mesmas necessidades, continuam as mesmas deficiencias no ensino, onde tudo falta, desde o mobiliario até aos professores devidamente educados e orientados no alto sacerdocio que têem a desempenhar.

Os cofres publicos abrem-se para pagar á força armada, á policia, ás penitenciarias, aumentando suas dotações, porque é preciso manter bem a ordem neste país de analfabetos; mas retraem-se e regateiam qualquer despesa a mais, para a escola primaria, a cabeça e o sangue da nação, que se debate num mar de trevas, de que mal se salva pela grande intuição e excepcional inteligencia do seu povo, que luta e reage contra a ignorancia que o avassala.

Senhores da governação se tendes o sincero proposito de salvar a patria, atendei em primeiro logar á escola primaria. Ella é que prepara as gerações para as grandes lutas da vida, pela cultura do espirito em que se revelam as vocações. Não precisaes perder-vos em locubrações para achardes a incognita do problema. E' ver só o que se pratica nos povos mais cultos, em que os seus governos dotam a instrução publica com avultadas verbas no orçamento, e desse capital auferem as nações o melhor juro, que se traduz, no progresso das ciencias, das artes, das industrias, do comercio, de todas essas forças que constituem o respeito, o poderío e a riqueza das sociedades.

Dissemos que o nosso povo tem grande intuição e excecional inteligencia, como se prova pelo que elle, no meio da ignorancia em que vive, ainda assim produz e concorre nos mercados do país e leva aos mercados estrangeiros.

Pois bem, dêem instrução devidamente orientada e solida a esse povo, e vêr-se-ha como elle levantará seu vôo, abrirá suas azas por esse mundo, que lhe não falta onde exercer sua actividade e desenvolver suas faculdades, um mundo seu em que tremúla a bandeira da patria, dilatada por vastos dominios de incalculaveis riquesas por explorar, como nenhuma outra nação possue.

Sua Alteza o Principe Real, que presidiu á festa das creanças, que serão os homens do futuro, acaba de percorrer aquelles vastos dominios portuguêses, e certamente lhe terá doído o abandono em que por muita parte os encontrou, á mingua de braços, de iniciativa e de estimulo que os façam progredir

Pois este outro problema, o colonial, não se resolve sem o concurso da escola, que não é com levas de degredados ou bandos de ignaros que nossas colonias se hão de desenvolver e respeitarem-se.

Preparai devidamente pela instrução as gerações que hora despontam para uma nova vida, e ellas hão de bemdiser quem assim as encaminhar. Não se estiolarão nos antros da ignorancia, da ociosidade, do vicio. Levantarão seu vôo, fortalecidas com o pão do espirito tão necessario como o pão do corpo. Quando não encontrarem no proprio torrão onde empregar sua atividade, têem muita terra portuguêsa para a exercer, mais seguras de bom exito por isso que têem mais consciencia do que vão fazer e para o que vão trabalhar, no interesse e engrandecimento da patria comum.

Vê-de como outros povos correm presurosos a ocupar quaesquer palmos de terra — muitos dos que por negligencia temos perdido — e lá se estabelecem e exploram com proveito á falta de mais por onde alargarem sua expansão, criando centros para a sua atividade, abrindo mercados para o seu comercio, para as suas industrias; e os portuguêses que têem tanto por onde se expandirem, quantos arrastam uma existencia tão penosa quanto ociosa, a mendigar empregos do Estado, para que mal se acham abilitados, e que, se quando muito os livra da indigencia, não lhes abre seguramente largos orisontes a seu futuro.

E a que é devido este estado social entre nós senão á falta de instrução bem orientada?

As nações que têem colonias e as que aspiram a tê las, criaram escolas coloniaes, como anexos ás escolas primarias, onde se ensina praticamente elementos de agricultura, de construção de habitações, pontes e estradas, de fabricação de carros, arreios e meios de transporte, o que emfim é preciso para o homem se estabelecer em país inculto, ou desprovido dos meios de vida e de trabalho. Assim o praticam a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Italia, a Holanda, não esquecendo o ensino da lingua portuguêsa como o melhor passaporte para se entende rem com o indigena de Africa.

Onde estão em Portugal oficialmente estabelecidas essas escolas praticas? Não sabemos de nenhuma que satisfaça aos fins desejados. Crêmos haver uma ha pouco instalada na Sociedade de Geographia, que seguramente não póde corresponder aos fins requeridos, desde que sêja apenas teórica por lhe faltarem elementos para ser pratica.

Por isto se vê quanto nos falta para uma instrução bem orientada, especialmente na escola primaria.

Não é a primeira vez que nesta revista temos tratado este assunto, em que nunca é de mais insistir. De todas as reformas que a nossa sociedade carece é esta a primacial. E' a que deve preocupar todos os governos, como todos os cidadãos amantes da sua patria.

Do que o sr. presidente do conselho disse na festa das escolas, parece que o governo está animado da melhor vontade em tratar a valer deste grande problema, mas das palavras á pratica vae grande distancia, e a reforma urge como questão

de vida ou de morte, para que os espiritos se tranquilisem com simples palavras em vez de obras.

Que o publico está deveras interessado na questão, não existe duvida. Basta ver o entusiasmo com que desde seu principio foi acolhida a ideia da festa escolar, em todos os pontos do país, desde as cidades até á mais humilde aldeia.

De todos os sacrificios que se tem exigido ao contribuinte, o que de boa vontade seria aceite era o que se destinasse a dotar devidamente o ensino primario, se tanto é preciso, por não se poder alargar a estreita verba que no orçamento lhe é destinada.

Não somos visionarios apontando um meio pratico no momento óportuno. O imposto das escolas seria um imposto de verdadeira salvação publica, seria o imposto mais remunerador pelos seus resultados praticos e de juro real e positivo.

Acabemos de vez com a escola pela fórma, para a estabelecer na sua realidade, e então a festa escolar terá sua maior importancia, e em cada anno por cada alumno que da escola sahir devidamente instruido, terá o país um cidadão abilitado para cooperar no engrandecimento da patria pelo trabalho eficaz da sua inteligencia e do seu braço.

CAETANO ALBERTO.

Apotheose Humana

Por M. Joaquim Dias

Apresentou o OCCIDENTE ha dois numeros o autor do poema que tem o titulo acima, prometendo dar a seus leitores algum trecho dêsse poema. Hoje se desempenha da promessa, principiando por transcrever as palavras com que o autor precede a sua obra e que della dão a razão, seguindo-se um excerpto do livro, o descobrimento da America, como um dos mais inspirados deste belo poema:

Nas obras do espirito humano, escreveu Thiers, nada conheço superior á grande poesia. Pensando assim e sabendo que a arte, fallando ao coração, torna mais accessiveis e melhores as ideias que se dirigem á intelligencia, intentei ha annos um poema que percorrendo as phases culminantes por que passou a civilização, terminasse na concepção scientifica da historia, n'uma lei de causalidade, em que a intelligencia influiria á maneira que comprehendesse os phenomenos.

D'aqui resultaria que o homem seria o principio consciente do progresso, libertando-se evolutivamente do grosseiro determinismo primitivo. Talvez, como disse alguem, por uma equação que é a verdade mesma, o espirito do homem seja egual ao universo.

Esse trabalho foi posto de lado depois de escriptos os trez primeiros quadros e só o continuei no verão passado, sob o estimulo de algumas palavras boas de quem o ouvira, completando o no principio do inverno.

E' deficiente, conheço o; a ideia, porem, é boa. Aspira ao ideal de belleza com que os gregos conceberam a vida, elles que tambem lhe provaram o amargor. Combinei este ideal com esse novo typo de belleza, a humanidade, que nasce, no dizer de Littré, da nova situação dos corações e dos espiritos, cuja concepção é devida á sciencia, mas cuja creação esthetica está reservada para a imaginação.

Os heroes de Homero são nacionaes e divinos e grandes de si e para si, como as personagens de Byron, filhas da duvida philosophica do seculo XVIII reagindo sobre o genio. Estranha duvida, cujo desespero sombrio leva á vagabundagem do *Corsario* e á peregrinação de *Child Harold* e annula á poesia a sua intuição prophetica.

O ideal humano vae revestindo uma forma moral que consola o coração, desolado na derrocada das mais profundas crenças, e levanta o espirito da decadencia e do desconforto. A alma de Victor Hugo vale bem a arte de Homero.

No campo da expressão esthetica d'esse ideal, fiz, pois, uma apotheose ao Homem, a esse ser que triumphou nas luctas terriveis do passado, que comprehende os phenomenos e as leis e progride. Acompanhei essa alma singular atravez da fatalidade historica, nos pontos culminantes da sua viagem no tempo e no espaço. Vi-a no seu berço da ignorançia primitiva, apenas esclarecida pelas ideias rudimentares de antagonismo, familia e amor. Vi-a depois estabelecer dominações e destruil-as na sua marcha para a liberdade; confiar em si, por fim, e abrir a intelligencia ao trabalho e o coração ao amor universal.

E' á grandeza ideal do Bem que a arte do nosso tempo queima perfumes e depõe flores. Poesia, musica, pintura, desentranham-se em sons e cores e attingem as mais altas e nobres inspirações. Esse poema da humanidade que Augusto Comte esperava da Italia, surge de toda a parte, fragmentado, tão grande é elle! como surgiam na Grecia os cantos do cyclo heroico. Escrevi para elle este hymno que a minha voz balbuciante entoa. Outros lhe deram e lhe darão ainda estrophes mais brilhantes.

Quinta da Ermitagem, maio de 1907.

O sol quando desceu ruborisara o espaço.
O aroma da baunilha ao marinheiro lasso,
Trazido pelo mar, lembrava-lhe a figura
Da mulher que sonhou em noites de ventura,
E a côr rosea do céo esse rubor do pejo
Quando o primeiro amor dá o primeiro beijo.
Grandiosa emoção que os proprios astros córa!
Syrius beijou-a um astro e foi vermelha outr'ora,
Como Arcturus inda hoje em purpura se banha
E no céo boreal Boötes acompanha.

O aroma, a côr do mar Colombo os comprehende,
E á tripulação, que mal o escuta e attende,
Fez signal com a mão e disse em voz pausada,
Quebrada de fadiga: «Essa India desejada
«Breve estará na prôa. Haveis de ver se minto
«O mar é menos puro, o céo de sangue tinto;
«Perto rescende já o aroma da floresta.
«Breve vae terminar vossa fadiga mesta
«E um collossal dominio el-rei terá no mundo.
Calou-se e ainda depois reinou silencio fundo.
Lagrimas de esperança aqui e ali cairam
E todos n'um «ávante!» as vozes confundiram.

A noite pelo céo lançára um véo de estrellas,
E desde o norte ao sul fulgiam as mais bellas
Constellações que viu jamais o marinheiro,
Entre as quaes brilha ainda o esplendido Cruzeiro.
Via-as junto á amurada um velho castelhano
Que a vida toda déra ás luctas do oceano;
Tinha a barba verdosa, era um Neptuno o velho.
Toda a tripulação ouvia o seu conselho
Junto d'elle, em redor, em noites de descanso,
Quando é sereno o céo e o mar dorme de manso.

Dizia elle que outr'ora a cruz que ao sul se via
Como Orion e Eridan, na Iberia refulgia
Com Canopus tambem que viam tão distante.
Outras coisas contava o velho mareante;
Entre e'las que passando as ilhas dos Açores
Para oeste de uma ilha a que chamavam Flores,
O mar se eleva tanto e forma tal montanha,
Que o mundo tem ali uma figura estranha.
Disse que um grego antigo, a quem chamavam Strabo,
Escreveu que se alguem levasse um dia a cabo,
Alguem de genio audaz, de animo valoroso,
Uma viagem no mar chamado Tenebroso,
Terra havia encontrar. Que uma ilha mysteriosa,
A ilha do Paraiso, a gente mais edosa,
Longe, dizia haver do lado do oeste, aonde
O sol avermelhado a immensa rosa esconde.
Dizia-se tambem que um grande continente
Descobrira um navio a quem tempo inclemente
Das columnas da Iberia ao negro mar levára;
Que ali esse navio uma outra vez voltára,
E, como se alguem genio obrasse maravilhas,
Em vez do continente achou diversas ilhas.
Mais historias contou de monstros singulares
Que habitavam ainda as aguas d'estes mares,
Que sopravam Typhon em temporaes medonhos;
Coisas que muita vez via a companha em sonhos.
Os maritimos a isto olhavam-se indecisos,
Uns esboçando a custo incredulos sorrisos,
Outros com tal pavôr que apenas balbuciavam
Sagradas orações que as mães lhes ensinavam.

Dois mezes sobre o mar! Não era uma viagem;
Era como correr após uma miragem
N'um deserto sem fim, onde se aguarda a morte;
Correr do polo sul até ao polo norte,
Ou coisa mais estranha, errar como um cometa,
Ir do planeta Terra até outro planeta;
Saltar no absoluto, ou voar pelo infinito,
Sem quem nos suste a queda, ou quem nos ouça o grito.

Quasi ia a noite em meio e a Ursa no horisonte
Parecia descer sobre um longiquo monte
Erguido sobre o mar. Miragens da esperança!
Singra o navio sempre e para o oeste avança;
Enfuna-lhe o velame a brisa que o impelle.
E o mar espuma e ferve á prôa que o compelle.
O viandante da Arabia, o filho do deserto,
Andando pela noite e n'um caminho incerto,
Sente-se esmorecer pregado ao chão que trilha
Mas se acaso uma luz na solidão lhe brilha,
Corre, ferindo os pés, apóz a luz bemdita;
É-lhe vida essa luz, chama por ella, grita,
Chega e cáe junto d'ella, alguem, porém, o salva.
Da noite negra apóz, surge sorrindo a alva.
A castelhana frota assim singrava ávante.
Quando, correndo ao longe, avista um navegante
Luz que se move, e grita: «Animo, companheiros!
«Os momentos actuaes são, pois, os derradeiros
«De tão afadigosa e tão cruel viagem:
«Emfim, luz no horisonte! A'lerta marinhagem.»
Solta-se então um grito unisono na frota,
Colhem panno os moitões, modera-se a derrota,
Lança-se a sonda ao mar, chama-se toda a gente;
Mal se contém no peito o coração contente.
Duas horas depois, como um clarim de guerra,
Alegre voz no mar echoou, gritando: «Terra».

Mal a aurora roxeára as côres do levante,
Formidavel visão se mostra ao navegante,
Envolta da manhã na bruma luminosa,
Figura de mulher, mas como vaporosa,
Deitada á beira d'agua, olhava o firmamento.
Alva espuma do mar que á praia leva o vento
Cobria-lhe a nudez das formas caprichosas,
Perfumavam-lhe o corpo as mattas olorosas
N'um cheiro virginal trazido pela oressa;
A estrella da manhã coroava-lhe a cabeça.

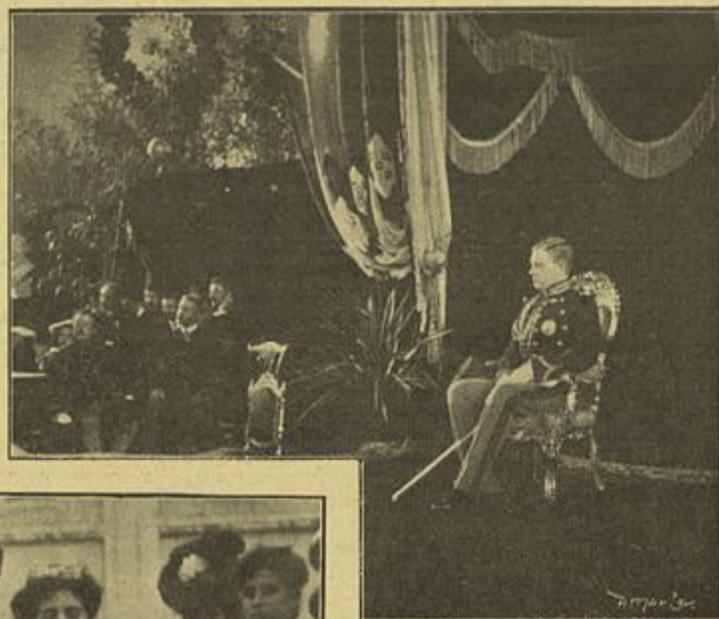
Ao ver perto de si Colombo extasiado,
O roseo corpo ergueu das aguas rociado,
Sacudiu pelo ar o seu cabello loiro
E toda se cobriu de um nevoeiro de oiro.
«Quem sois», Colombo diz, «que estaes n'esta paragem
«Tão remota do mundo? Ao termo da viagem
«Em que buscava a India, acho um paiz de fadas;
«Dizei-me, pois, dizei das terras ignoradas
«Que busco ha tanto tempo e qual a sua gente.
«Duas vezes mostrou a lua o seu crescente
«Desde que vim da Europa aqui onde me vejo.»

A este nome, Europa, ouviu-se um leve arpejo
Como de harpa longiqua e viu-se a figura
Surgir do nevoeiro até quasi á cintura:
«Eu sou Hvitramannland (1) que em todo o mar se topa
«Na parte vespertina e sou irmã da Europa,
«De quem me fallou Leif, filho de Eric Vermelho,
«Quinhentos annos ha; é já um caso velho.
«Europa! pobre irmã! como ella tem soffrido!
«Mãe que vê pela ideia o filho perseguido,
«Queimado vivo até, e são os seus algozes
«Padres, nobres e reis fanaticos, ferozes,
«E o guerreiro brutal, matando sem detença
«Quem a crença não sente, ou quem abraça a crença!
«N'estas paragens, não! O homem é livre e humano,
«Caprichoso como o ar e livre como o oceano,
«Erra como o leão nos seios da floresta.
«Apenas sente o frio, ou o calor que cresta,
«Mas é senhor de si, sente-se independente,
«É soberano, forte, audaz, omnipotente.
«A terra é mãe fecunda, o sol pae carinhoso,
«E do arvoredo pende o fructo saboroso
«Que a seus pés vem rolar, caindo de maduro.
«Serpenteia na terra o rio de agua puro;
«O seio da mulher é franco nos amores
«E a terra dá o fructo, os animaes, as flores.
«Ao meu fecundo seio, onde sem dôr nem magoas,
«Somno profundo dorme o Velho Pae das Aguas,
«Onde os metaes e os grãos virão n'uma profia
«Ao homem offerecer tudo o que a terra cria,
«Milhões de homens virão de todo o mundo antigo
«Matar a fome e o frio e procurar abrigo.
«Entre tantos virão, e não vem longe o dia,
«Os fugidos, na lucta, á rude tyrannia,
«Um Baltimor, um Penn, e em paz e liberdade
«Serão paes da justiça e filhos da egualdade.
«A sua ideia um dia ao velho feudal mundo
«Hade abalar potente o alicerce fundo:
«Em vez do oiro, o ferro; em vez da lança, o malho;
«Em vez da guerra, a paz e o templo do Trabalho.

(1) Terra de Brancos.

A FESTA DAS ESCOLAS

Os Srs. Presidente do Conselho, Ministro da Guerra e mais membros da Commissão da Festa das Escolas em grupo com as creanças premiadas.

(Cliché Bonoliel)

Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe, presidindo á Festa das Escolas.

A menina Julieta da Conceição Lopes, que recitou a poesia *A Bandeira*, do Sr. Marinho da Silva.

As colegiaes da classe de gimnastica

Colegiaes em fórma, entrando no Arsenal.

(Clichés Alberto Lima)

NO TIRO AOS POMBOS

Na Galeria das Senhoras

A fugida de um pombo

(Clichés Alberto Lima)

A PRIMAVERA

QUADRO DE ALFREDO KEIL, EXISTENTE NA GALERIA DA AJUDA

«Então aqui e lá o entendimento humano
«Da grande Natureza explorará o arcano.
«De um lado e outro a sciencia andando ao mesmo passo,
«Virá ao mesmo tempo Hyperion no espaço.
«A ideia irá pelo ar e pelo mar profundo
«De um a outro hemispherio e abraçará o mundo.»

Assim fallou e á praia atira o corpo bello,
E começou-se a ver os fios do cabello
Formarem pouco a pouco arbustos deliciosos;
Véem-se os braços mudar em troncos caprichosos;
Mãos e dedos tambem em ramos se transformam;
Os seios, mais além, duas montanhas formam
E o resto da figura absorve-a o arvoredo.
Os dois montes inda hoje attestam o segredo,
Mudada a rosea côr no azul do céu mais puro,
Testemunhas do caso aos homens do futuro.

M. Joaquim Dias.

TIRO AOS POMBOS

No meio de uma seleta assistencia realisou-se no dia 22 do corrente, em Cascaes, a diversão do tiro aos pombos, sendo disputada a taça oferecida por Sua Alteza o Principe Real.

Tomaram parte nesta diversão El-Rei, o Principe Real, e os srs. Jorge de Lima, Brandão de Mello, dr. Manoel de Castro Guimarães, Visconde de Reguengo, A Ferreira Pinto Basto, Eduardo Romero, Jorge Bleck, Marquês do Faial, Conde de Sousa Rosa, etc., ganhando o premio da taça El-Rei.

O segundo premio, trinta por cento das entradas, ganhou-o Sua Alteza.

Durante a diversão deu-se um episodio engraçado da fugida de um pombo, que durante algum tempo esvoaçou pela ga'eria dos espectadores, sena reproduzida no instantaneo que publicamos.

O FUNERAL DE ALFREDO KEIL

Em o n.º 1036 do Occidente nos referimos á morte de Alfredo Keil, á duplicidade do seu genio de artista, amando e cultivando a Arte, na expressão mais poetica das suas manifestações, a pintura e a musica, a que enleva os olhos, a que dilicia os ouvidos, uma e outra encanto do espirito.

Então apresentámos a nossos leitores dois primorosos quadros de Keil, duas bélas figuras recordações do passado, vivendo na téla como na imaginação do artista que as arrancou aos segredos da sua paleta. Mas uma das feições mais poeticas do pintor era a paisagem que elle revestia com todas as galas da naturesa neste país de sol e de colorido, em que encontrava todos os surprendentes efeitos da luz e da côr.

É' assim o seu bélo quadro *A Primavera*, que hoje apresentamos a nossos leitores, e que foi adquirido por El-Rei D. Luis, para a galeria da Ajuda. Este quadro é da nova fase da pintura de Keil, em que elle abandonou um tanto o convencionalismo, para entrar na forma realista de que soube tambem triunfar.

*

O funeral de Alfredo Keil realisou-se no dia 23 do corrente, com enorme concurso de pessoas, parentes, amigos e admiradores, fazendo-se representar nelle muitas corporações artisticas, o Conselho de Arte Nacional do Conservatorio, Sociedade de Geografia, Academia de Bélas Artes, Academia de Amadores de Musica, Empresa do Teatro de D. Maria, etc. Fez-se tambem representar no funeral o sr. Cardeal Patriarca.

O cadaver de Alfredo Keil viera no vapor *La Plata*, que chegou ao Tejo no dia 22, vindo de Hamburgo. A's 11 horas foi o feretro conduzido para terra, sendo depositado na egreja paroquial de S. José. Ali o deixou o sr. Luis Cinati Keil, filho do falecido artista, que desde Hamburgo o havia acompanhado, como depois o acompanhou até á sepultura.

O sahimento foi imponente, vendo-se por todo o trajecto que o cortejo funebre percorreu até ao cemiterio dos Prazeres, grande concorrencia de povo que respeitosamente assistiu á sua passagem.

A' porta do cemiterio estava a banda da Guarda Municipal, que, á chegada do prestito, tocou a marcha *A Morta*, composição do falecido maestro.

A' entrada do feretro no jasigo, o sr. Alfredo Galles, grande amigo de Keil, proferiu um sentido discurso, pondo em relevo as grandes qualidades do homem e do artista, em que a não menos apreciavel era a do grande amor que elle tinha á sua patria.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XI

(Continuado do n.º 1037)

O almirante era uma christianisissima pessoa, muito afeiçoado a diferentes ordens religiosas, estremamente devoto da Virgem Nossa Senhora e particularmente inclinado á companhia de Jesus. Passou a sua vida a fazer testamentos, codicilos, disposições, que ora inutilisáva, ora acrescentava, ora resumia, conforme os conselhos do seu maior amigo e confessor, o padre Carlos Antonio Casnedi, clerigo da companhia, pessoa sensata e escrupulosa, tão escrupulosa que granjeou inimigos entre os proprios jesuitas á conta da fabulosa herança que teimou em não deixar roubar.

Depois veremos isso mais de espaço.

Quando morreu o pae do almirante, em 1691, começou elle a pensar mais firmemente na fundação de uma obra pia, que já em tempos o trouxéra preocupado. Persuadiram-no então os padres da provincia de Castella que fundasse um colégio para essa provincia, em Madrid, isento da sujeição do provincial Toledano, em cujo distrito ficava aquella capitál. Entrou no segredo e foi a alma delle o padre geral Thirso Gonçalves que era daquella provincia.

Soube Casnedi, o confessor do almirante, desta tramoia e entrou logo de o dissuadir, mostrando-lhe os inconvenientes daquella fundação, não só por ser escusado, pois Madrid já tinha um colégio afóra dois seminários como tambem por vir a ser fatalmente fonte de discordias perigosas para o bem-estar da companhia, por causa da isenção que daria logar a reclamações da provincia de Toledo.

Atendeu nisto o almirante e cessou de pensar no colégio que tanto interessava o padre geral.

Em 1696, teve o almirante um acidente mental, como quem diz, uma congestão e tratou imediatamente de fazer testamento, deixando herdeira a primeira mulher, o qual ainda acrescentou com um codicilo declarando que ninguem obstasse ás determinações de Casnedi quanto ao emprego dos avultados capitaes que elle lhe entregára e cuja aplicação lhe comunicára no confessionario.

Mas o almirante escapou e cobrou saude, e quem veio a falecer, um anno depois, foi D. Catarina de Lacerda.

Passou então a segundas nupcias o viuvo, gastando, em seis mezes de saudade, a memoria da mulher, e entrementes entrou de pensar em novo testamento a conselho, já se vê, do inseparavel confessor. Foi este feito em dia de Nossa Senhora das Mercês e nelle foi nomeado universal herdeira a Virgem da Conceição.

Três mezes mais tarde aconteceu vir a Madrid de regresso das Indias o padre Xaramillo que acabara de regeitar, modestamente, o bispado das ilhas Marianas, e o qual estava no segredo do testamento por confidencia de Casnedi. Discorreram os três sobre o assunto da fundação de um colégio para missões no Oriente, assentando em que se tratasse logo da obra e se comunicasse ao padre geral Thirso Gonçalves as suas tenções.

Tudo corria ás mil maravilhas e para coroar a ideia do melhor éxito possivel, apareceu em Espanha, outro padre, de nome Martinez de Ripálda, que vinha da America comissionado para tratar do mesmo assunto e que se achou, quando menos o esperava, com um fundador a proposito e toda a materia da fundação tratada e resolvida.

Só faltava ouvir a opinião do padre geral, de que havia justificados receios. Effectivamente sendo consultado por uma carta do almirante, datada de 8 de agosto de 1697, Thirso Gonçalves respondeu por outra de 7 de setembro mostrando-se hipocritamente agradecido, prometendo escrever ao padre Xaramillo e acabando por dizer que o negocio precisava de muita ponderação.

A seguir a esta missiva seguiu-se mais de um anno de absoluto silencio sobre o caso, propicio para o almirante poder chorar em socêgo a morte de sua segunda mulher, mas de muito má feição para os seus propósitos piedosos.

Finalmente em 22 de março de 1698 recebeu D. João de Cabréra carta do geral com uma copia da resposta de Xaramillo que, como vulgarmente se diz, não era carne nem peixe. Longos mezes decorreram sem outra noticia. Em 8 de janeiro do anno seguinte ditou o padre Casnedi ao almirante nova carta para Thirso Gonçalves, instando pela fundação e declarando oferecer 6000 ducados por anno, para a construcção do templo, edificio e outras dependencias mais necessarias.

Nem assim conseguiram enternecer o geral. Respondeu com evasivas, escusando-se com a falta de tempo e prometendo escrever mais largamente, recebendo Casnedi dois dias depois, uma outra carta prohibindo-o, expressa e severamente, de falar em tal assunto com o almirante, impondo-lhe a obrigação de o dissuadir de seus intentos e pondo na materia um ponto final invocando a disciplina e a obediencia.

O almirante, pouco mais tarde, tambem foi contemplado com epistola, comunicando-se-lhe que Xaramillo não podia remover os obstaculos que tinham surgido, julgando-se pois impraticavel tal ideia e que elle, padre Thirso, se encarregaria da fundação nos limites do justo e do possivel.

Foi com esta diplomacia çaloia que o geral avocou ás suas mãos a fazenda do almirante.

A ideia delle, conforme o padre Gregório Sarmento, seu aliado, expoz em carta a Henriques Cabréra, era que o colégio se deveria formar com contingentes de várias provincias, ficando sómente sujeito á de Castella-a-Velha por a de Toledo não poder acudir ás muitas obrigações que tinha e por outras razões, suficientemente tôlas para Casnedi, que éra espertissimo.

O almirante ficou pasmado e desgostôso. Farto de tanta trapáça e de tanto enrêdo teria feito a doação de seus bens aos dominicos senão é o confessor atalhar a tempo tal intento com palavras de paciencia e de conforto. Assim o diz o cronista.

Os padres castelhanos é que ficaram codilhados porque chegado o anno de 1702 o almirante escreveu ao geral, agradecendo a sua *desinteressada* interferencia no assunto e declarando-lhe que tinha determinado, por motivos imperiósos, suspender o negocio da fundação. A seguir partiu para Portugal com o seu inseparável Casnedi.

Thirso Gonçalves ficou furioso.

Os restantes três annos que occupou o cárgo de geral resussumou toda a bilis que o confessôr do opulento fidalgo lhe fez extravasar.

*

D'ahi até 1705, nada sucedeu que mereça a pena contar-se.

Néste anno que era o segundo da guerra da sucessão, foi o almirante oferecer a sua espada ao serviço de Carlos 3.º com quem, politica e pessoalmente, sempre simpatisára e, por tal motivo, determinou fazer novo testamento, para o que se recolheu ao Convento de S. José de Ribamar, dos religiosos de S. Pedro de Alcántara.

Foi em sexta feira santa, depois de se ter confessado e comungado na véspera que o testamento definitivo foi feito, na quietação do mosteiro, ao pé dos seus dilétos amigos, os padres Jesuitas, Carlos Antonio Casnedi e Alvaro de Cienfuégos.

Em abril desse anno saiu a campo o exercito de Carlos 3.º e o almirante, já socegado e livre da obseção do testamento, acompanhou-o como um dos mais entusiástas defensóres daquelle principe.

Começáram as operações pelo sitio de Valencia de Alcantara, que veio a render-se por assálto pouco depois e a seguir marcháram as trópas para Albuquérque, cujo castelo, que no dizer dos engenheiros éra quasi inexpugnável, veio a render se de puro susto, com grande espanto de todos.

Contra a opinião de D. João de Cabréra, em conselho de generaes, decidiu-se ir sitiar Badajoz. Durante o tempo do cêrco a péste e as fébres palustres dizimáram as fileiras do pretendente — Um dos atacados foi o almirante que teve de ir refugiar-se em Elvas.

Em 27 de julho, como a doença se agravásse, passou para Extremoz. Ahi uma congestão cerebral prostrou-o de vez tomando-lhe todo um lado. A pouco e pouco foi perdendo o tacto, o ouvido e a vista. Depois começou variando e assim esteve 12 horas. Finalmente ás quatro horas da tarde de 29 de julho, exaláva o ultimo suspiro, rodeado de muitos religiosos de diferentes ordens e dos principaes cabos de guerra, seus companheiros de ármas.

O côrpo foi depositado na igrêja dos padres de S. Francisco de Extremoz, na capéla de Nossa Senhora da Conceição, onde se lhe fizéram solénes exéquias; mas antes disso foi o corpo exhumado e autopsiado por quatro médicos portuguêses, um italiano, um bávaro e mais dois anatómicos que testificáram não haver vestigios de veneno nas vis-

ceras do almirante, para que de futuro se não dissesse que a Companhia tinha apressado a posse da opulenta herança do nobre castelhano.

E' ou não é curioso este escrúpulo de Casnedi? Quanto lhe custaria vêr-se obrigado a dar similhante ordem! (1)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

O TUMULO

I

O tumulo é o monumento collocado no limite de dois mundos. Elle inculca-nos para logo o fim das grandes inquietações da vida, e a almejada imagem de um eterno repouso; em seguida desperta em nós o sentimento confuso de uma immortalidade feliz, cujas probabilidades augmentam tanto mais quanto mais virtuoso foi aquelle, de quem nos traz memoria. E' ahi, que se fixa, commovida, a nossa veneração; e, é isto tão verdade, que, embora nenhuma differença haja entre as cinzas de Socrates e as de Néro, ninguem quizera ter em seus jardins as do imperador romano, ainda quando as encerrasse n'uma urna cravejada de brilhantes, e ninguem ha que não pozesse as do saudoso philosopho no logar mais honroso do seu jazigo, ainda mesmo que fossem contidas n'um simples vaso de barro.

E' pois por este instincto intellectual da virtude, que os tumulos dos grandes homens de virtude nos inspiram tão grande veneração. E' pelo mesmo sentimento que os que encerram entes, que foram queridos á nossa alma, nos dão tão compungida pena. Eis porque tanto nos commovêmos á vista do pequeno comóro que cóbre as cinzas de uma creança linda, que a morte, impiedosamente, arrebatou do seio da mãe que a estremecia; é a lembrança da candura, da innocencia... Eis ainda porque vêmos com tanto enternecimento a sepultura, sob a qual repousa uma joven, amôr e esperança de uma familia, por suas altas virtudes.

Quanto poderiamos divagar sobre este tão bello sentimento de gratidão!

Para fazer recommendaveis taes monumentos, não se faz mistér de marmores, nem de bronzes, nem dourados; quanto mais simples, mais energia dão ao sentimento da melancholia.

Mais effeito produzem pobres que ricos; antigos que modernos, com inscripções de infortunio, do que com as insignias do poder.

E' ali, no pequeno cemiterio da aldeia, esquecida entre a falda de dois montes, cuja encosta atapetada de lyrios e boninas, nos prende o olhar e nol-o estende ao tempo da nossa infancia, que a nossa alma se acostuma a sentir, entranhadamente, a saudade viventissima d'aquelles amaveis entes, que partiram para a região distante do...

Mysterio!

Quatro palmos de terra e uma cruz — symbolo do martyrio e da verdade — são o bastante para collocar no mesmo parallelo, aquelle que teve commendas e vassalos, palacios e equipagens, e o renegado da sorte, que acabou a dolorosa peregrinação da cruz do seu vivêr, sobre duas tabuas de um catre do hospital, legando aos seus, como humilde patrimonio, um nome obscuro, mas honrado e o exemplo de uma heroica resignação e paciencia.

Grande é Deus para escutar a prece d'um e d'outro!

Um cemiterio de aldeia!... Uma simples cova, faz muitas vezes verter mais lagrimas, do que os catafalcos das grandes cathedraes; ali, é que a dôr reveste toda a sua sublimidade; eleva-se com os velhos teixos do cemiterio; estende-se com as planicies e collinas circumvizinhas; allia-se com todos os effeitos da natureza, o assomar da aurora, o murmurio dos ventos, o pôr do sol e as trevas da noite.

Os trabalhos mais rudes e os destinos mais humildes não podem apagar essa impressão nos corações mais mesquinhos.

8-10-907

MARIO DE SANTA RITTA

VERSOS, por Modesta

Já conheciamos lisonjeiramente o criptónimo *Modesta*, desde que apareceu, patronisado por Thomás Ribeiro, firmando inspirados versos, ha já alguns annos.

Ha poucos tempos, reapareceu-nos, firmando um bélo livro *Contos*, prefaciado pelo nosso querido confrade D. João da Camara, e tivemos ocasião de, mais uma vez, verificar que a prosa não faz mal poetas e que a autora dos *Contos* mantém nobremente o prestigio literário, que na sua familia tem caminhado de par com o prestigio guerreiro, — a familia Mousinho de Albuquerque.

D. MAFALDA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

Modesta, que é a senhora D. Mafalda Mousinho de Albuquerque, reuniu ultimamente os seus versos num volume, que saiu prefaciado e gabado pelo sr. Dr. Candido de Figueiredo, e que tem logrado a mais legitima e lisongeira acolhida, por parte da imprensa periódica e do publico inteligente e imparcial.

A poetisa, embora alheada á nossa vida literaria por um sistemático retraimento, que a furta a mais ameudados e calorosos aplausos, dispõe de qualidades literárias, que já se haviam imposto ao entusiástico apreço de Thomás Ribeiro, e que este novo livro assignala brilhantemente.

O leitor, que ainda não conheça versos de *Modesta*, agradecer-nos-á certamente a transcrição de um espécime. Seja *Rosita*:

«Dez léguas em redor, de certo não havia
um braço tão robusto em corpo tão gentil.
no campo era falado o seu vigor viril
e a sua linda voz, vibrante de alegria.

Alma de fogo e luz, ardente e juvenil,
além da sua esfera ergueu a fantasia.
— «O que era do fidalgo a nobre jerarquia,
ao pé do rosto seu, que tinha encantos mil?» —

E' elle quem lh'o diz. E um nobre nunca mente.
Assim o crê Rosita, e assim ella consente
em dar-lhe o seu amor, alegre e confiada...

Um mês depois, Rosita ao povo inteiro espanta!
Agora, já não ri; agora já não canta,
e nunca mais voltou ás noites de esfolhada!»

Por aqui já o leitor póde entrever que deliciosas páginas não serão as dos *Versos* de Modesta. Por isso a livraria Ferreira, da rua Aurea, nos informa que os compradores do livro não lhe deixam a porta.

E' justo.

O MEZ METEOROLOGICO

Setembro 1907

Barometro — Maxima 767^{mm},1 em 3.
» Minima 753^{mm},9 em 28.
Thermometro — Maxima 34,$^{\circ}$9 em 5.
» Minima 13,$^{\circ}$8 em 28.

A temperatura conservouse sempre alta até ao dia 23, havendo maximos superiores a 30°, em 5; (33°,8), 6; (31°,8), 7; (31°,5), 15 e (30°,1) 17. A temperatura media do dia 5, foi de 26 ,9. A partir de 24, grande abaixamento de temperatura, e em 28 a media do dia era apenas de 15°,6.

Chuva — 102^{mm},4 em 8 dias. A notar, a trovoada pavorosa do dia 23, que forneceu no pluviometro, em 24 horas, 51^{mm},4, e das 4 horas da tarde ás 4 $^{3}/_{4}$, a quantidade de 34^{mm},8. Desde esse dia, cahiram na capital chuvas abundantes, sendo as mais notaveis, em 25, (22^{mm},0) e em 28 (20^{mm},8). Desde 1895, que não havia um mez de Setembro tão chuvoso.

Vento dominante — N. até 23. Entre SE. e SW. de 23 a 30,

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 15 dias.

Nublado — 14.

Encoberto — 1.

Relampagos em 7 e 27.

Trovões em 25.

Trovoada em 23.

Recebemos e agradecemos as seguintes:

Aguas Mineraes-Physiotherapia — *(Impressões colhidas em missão official)* — Editor e proprietario, Tenreiro Sarzedas — Composição e impressão das Officinas de S. José — Lisboa — 1907.

Neste bélo volume de 272 pajinas reune o medico inspétor das aguas mineraes medicinaes alguns relatorios derivados de estudos no cumprimento dos deveres do seu cargo, rematando-o com considerações muito sensatas e até patrioticas, tendentes a chamar a atenção dos poderes publicos para as nossas «estancias hydromedicinaes» carecentes duma regulamentação e orientação similares com o que ocorre na Suissa e na França, frequentadas todos os annos por milhares de estranjeiros que, juntamente com os nacionaes, vão pedir ás suas aguas alivio e conforto.

Zamperineida — *Segundo um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa* — Publicado e annotado por Alberto Pimentel — Lisboa — Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor — 1907.

Alberto Pimentel no aludido volume, de 236 pajinas de leitura, aproveitou o que houve de melhor para tornar conhecida a celebre Anna Zamperini, que estava em Lisboa no tempo do grande Marquês de Pombal e deixou, do modo como tinha por costume usar o chapeu — «derrubado sobre a testa e inclinado para a orelha direita» — o dizer-se ainda hoje quando se vê alguem de chapeu á banda: chapeu á Zamparina!

Esta mulher, cantora veneziana, provocou entre nós uma verdadeira guerra de poetas, não pela sua voz, nada extraordinaria, mas por suas reticencias no capitulo da moral.

Pimentel escreve no prefacio do volume uma ampla noticia biografica e estampa em seguida a *Zamperineida*, isto é, a versalhada qne teve como causa a veneziana.

Sociologia Fundamental — *Constituição da Sociologia.*

Esta obra, devida á penna de J. A. Bentes, foi tambem editorada por Gomes de Carvalho, da Livraria Central, dada a lume no anno corrente, havendo porém sido escrita em 1904, consoante o declara o autôr numa «nota final».

O texto compreende dose capitulos dos quaes, os primeiros oito constituem a materia denominada — *Materiaes de Construcção* —, os dois imediatos a — *Instrumentos de Trabalho* — e, finalmente, os dois restantes a — *Projectos de Construcção.* Tudo isto se encerra, precedido de introito explicativo, num volume unico, de 915 paginas.

Não são de vulgaridade no nosso meio trabalhos desta natureza, os quaes reclamam não só espirito filosofico mas tambem vasta erudição e concomitante cultura inteléctual.

O sr. Bentes revela-se á altura da sua tarefa de incontestavel responsabilidade e, se nem sempre o acompanhamos na exposição das suas idéas, o que, aliás, não admira em campo de tal horisonte, sempre comtudo o louvamos na firmeza de principios que sustenta e a que se encaminha, citando com arguto engenho o épico imortal.

Limitamo-nos ao que deixamos dito porque, evidentemente, não caberia no espaço de que dispômos, uma critica filosofica da *Sociologia Fundamental*, ainda que perfuntória fosse. Entretanto, parece-nos haver qualquer excesso em algumas de suas idéas.

(1) Idem, paginas 100 e seguintes

O FUNERAL DE ALFREDO KEIL

SAHIDA DO FERETRO DA EGREJA DE S. JOSÉ

— Coimbra — Edição da Livraria Moura Marques — 1907.

Neste volume de 114 paginas de formato pequeno, estão contidos sete contos — *Coração; Bohemia nocturna; Missa negra; No enterro dum suicida; A mana do abbade; O meu namôro; Coimbra pelo monóculo;* — pertencendo os quatro primeiros a Orlando Marçal e os restantes a Fernão Côrte-Real.

Está longe de ser obra prima no genero o trabalho assim apresentado pelos dois autôres aludidos; todavia, seria injusto se o capitulasse como destituido de merecimento: algum tem com efeito.

Carlos Cilia de Lemos — *Livro de Dôr* — Gomes de Carvalho, editor — Lisboa — 1907.

O folheto indicado, que julgo primicia literaria do autor, ainda muito novo em presença do retrato que acompanha o mesmo folheto, encerra trinta e um sonetos e abre com esta quadra:

«Mas para que me deram — triste sorte! —
«Uma Vida tão cheia de amargura?
«Melhor fôra que lógo a bôa Morte
«Me tivesse levado á sepultura.»

Todas as demais composições correspondem pelo predominio de tristeza ao titulo do folheto.

Novidade Litteraria. — O nosso amigo e colaborador Henrique Marques Junior tem concluido o seu novo trabalho literario a que deu o titulo de *Esboços de critica*. Esse livro acompanhado de varios retratos e caricaturas devidas ao sintilante lapis de Francisco Valença — traz artigos sobre Gomes Leal, Alfredo Mesquita, D. João da Camara, Eduardo de Noronha, Mariano Gracias, Carrasco Guerra, Eloy do Amaral, A. Moreira Lopes, Mannel de Moura, Oliveira Passos, Ribeiro de Carvalho, Senna Freitas, Faustino da Fonseca, Francisco Valença, Francisco de Barros Lobo, Vieira da Costa, Santos Luz, Mario Monteiro, Thomaz de Eça Leal, Albino Forjaz de Sampaio, Fernando Reis, etc.

E' editado no Porto e traz dois prefacios: um do distinto poeta portuense A. Moreira Lopes, e outro do inteligente literato Alvaro Neves.

O preço do volume — que é de edição esmerada — é modicissimo, de 400 réis, estando destinado a um largo sucesso de livraria. Aguardamol-o com interesse.

Do mesmo antor sabemos estar em preparação o 9.º volume da *Bibliotheca das Creanças*, tradução de contos dos Irmãos Grimm, a que deu o titulo de *Lendas ao luar*. Traz um soberbo prefacio de J. A. Vieira da Costa, talentoso escritor transmontano.

Orlando Marçal — Fernão Côrte-Real — *Esfolhadas (Contos)* — Carta-Prefacio de Abel Botelho

NO CEMITERIO DOS PRAZERES
(Instantaneos do Sr. Alberto Lima)

COUTO & VIANNA — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO - COLLARES

GAZOZAS LITHINADAS

Aprovado por Alvará Régio de 30 de Novembro de 1906

Deposito geral: Rua dos Correeiros, 29, 2.º LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

Almanach Illustrado do OCCIDENTE

PARA 1908

Está no prelo e sahirá brevemente este interessante annuario que entra no seu 27.º anno de publicação registando os principaes acontecimentos do anno de 1907 e com uma linda capa, aguarella de Roque Gameiro

Preço 200 réis

Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE

LISBOA